

Tradição e Modernidade: **Da casa colonial ao projeto contemporâneo**

Antes de falar em modernidade, não quero esquecer que o termo moderno vem do latim *modis hodierno* (costume atual). Isto isenta o termo da conjuntura do período modernista e o aproxima da prática atual em nosso rol contemporâneo. Assim, trataremos aqui de uma dicotomia costumeira no meio arquitetônico: o embate entre o que se FEZ e o que se FAZ.

A arquitetura em Salvador, desde o período colonial, passando por todos os momentos históricos, incluindo no século XX o modernismo e o pós-modernismo e até os dias atuais, adquiriu sua expressão própria aliando cultura e clima do lugar como fontes de inspiração e conformação espacial. Como diz Fernando Sarapião (PROJETO DESIGN n.º 312), “(...) Nosso clima já induz a uma correta adaptação, já experimentada desde os primórdios da ocupação portuguesa”. Referindo-se aos chamados projetos sustentáveis, tão em voga atualmente, o editor completa dizendo que a arquitetura sempre se colocará com pertinência diante dos elementos da natureza. Embora o assunto aqui não seja sustentabilidade, as afirmações de Sarapião trazem à luz o fato arquitetônico como resposta ao sítio e o sítio como catalisador da produção arquitetural na busca da feição de um lugar, idéias que tento defender neste artigo, trazendo a discussão para o universo da residência unifamiliar.

Lembrando Gaston Bachelard, em seu célebre trabalho *A Poética do Espaço*, a casa é o nosso canto do mundo, o nosso primeiro universo. É uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem guardados desde a infância nos cantos, corredores, porões e sótãos. Através de uma identificação arquetípica, podemos dizer que a casa colonial está impregnada no imaginário de um povo que ainda hoje preserva exemplares desta época. Seus cantos, corredores, porões e sótãos forjaram um SER arraigado à riqueza espacial de uma arquitetura apropriada ao lugar e ao clima, sem perder o estímulo ao pensamento simbólico e ao devaneio, que para Bachelard é o princípio de ligação na integração dos pensamentos, lembranças e sonhos.

No período modernista vimos ser impressa a idéia da casa como “máquina de morar”. Para Le Corbusier, talvez o seu maior expoente, o indivíduo precisaria se adequar aos novos padrões racionais e universalistas, frutos de uma mentalidade tecnicista encorajada pelo avanço industrial da época. A casa ganhou ares fabris com planta livre e terraço-jardim eliminando o volume do telhado. Linhas retas desprovidas de adornos, estruturas devassadas e móveis encarados também como máquinas. Afora a tentativa de uniformizar e universalizar as necessidades humanas, a plasticidade geométrica aliada à funcionalidade em consonância com tecnologias de seu tempo, não perdendo o signo da ARTE, a meu ver, constituíram o maior legado deixado pela “nova arquitetura”.

Por fim, não consigo dissociar no projeto contemporâneo a imagem tradicional do ideal de modernidade. Concordo com o *Regionalismo Crítico* de Kenneth Frampton e os questionamentos de Robert Venturi e Charles Jencks acerca da utopia universalista dos modernos. Admiro a prática regionalista de Lina Bo Bardi que não nega, mas reafirma a modernidade. A casa contemporânea requer um programa que atenda a uma demanda globalizada de atividades, reflexo de uma mudança de hábitos domésticos mais ou menos uniforme em todo o mundo e, devemos reconhecer, preconizada por Corbusier e seguidores.

Não precisamos, com isso, perder a riqueza dos entrespaços, dos cheios e vazios, claros e escuros, luz e sombra e individualidade cultural de cada lugar, coisas desprezadas sob a insígnia da “honestidade estrutural” postulada pelo movimento modernista. Quero me dignar a uma honestidade mais tectônica do que estrutural neste instante que acredito ser apenas mais um momento histórico de uma modernidade ainda em curso. (Por Edílson Campelo)